

USOS DE SUBSISTÊNCIA DE ESPÉCIES VEGETAIS NA REGIÃO DA BAIXADA MARANHENSE (*)

Claudio Urbano B. Pinheiro¹
Virlene Marreiros dos Santos²
Francisca Rejane R. Ferreira³

RESUMO

Este estudo visou o levantamento das espécies vegetais úteis regionais, sua identificação botânica e classificação de importância quanto ao seu uso, particularmente como produtos de subsistência. Foram amostrados cinco povoados localizados no município de Penalva, levantando-se as espécies vegetais de uso na subsistência regional, as quais foram identificadas quanto à sua identidade botânica. Os usos foram separados em oito categorias: Material de Construção (MC), Utensílio Doméstico (UT), Alimentação Humana (AH), Alimentação Animal (AA), Item de Trabalho (IT), Uso Social (US), Uso Cultural (UC) e Produto Comercial (PC). Nas cinco comunidades, 25 espécies vegetais em 45 diferentes modalidades de uso foram registradas, para um total de 123 registros. Construção de cercas, uso de esteios, fibras para amarrilho, portas e cofos apareceram como as categorias mais frequentes. A palmeira babaçu (*Orbignya phalerata* Martius) aparece como a de mais frequente utilização. A família Palmae destaca-se entre as demais, sendo que o caule é a parte mais usada, tendo o material de construção como categoria de uso mais frequente. Alguns usos são peculiares a algumas comunidades e estão relacionados com a atividade principal dos moradores (pesca, agricultura, extrativismo).

Palavras-chave: Espécies vegetais – Baixada maranhense.

ABSTRACT

The region of the Baixada Maranhense, part of the Legal Brazilian Amazon (1°59' - 4°00'S and 44°21' - 45°33'W), shelters rich fauna and aquatic and terrestrial flora. This study aimed at recording the useful regional plant species, their botanical identification and classification of importance regarding to their uses, particularly as subsistence products. Five villages in the municipal district of Penalva

* Este estudo recebeu apoio do Banco da Amazônia.

1 Docente, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Depto. de Oceanografia e Limnologia. Av. dos Portugueses, s/n, Campus de Bacanga, São Luis, MA. (cpinheiro@elo.com.br)

2 Graduanda, Ciências Biológicas, UFMA

3 Graduanda, Ciências Biológicas, UFMA

were sampled for plant uses by people, and the uses of plant species in the regional subsistence were recorded; the plants were identified to their botanical identity. The uses were classified into eight categories: Material of Construction (MC), Domestic Utensil (UT), Human Feeding (AH), Animal Feeding (AA), Item of Work (IT), Social Use (US), Cultural Use (UC) and Commercial Product (PC). In the five communities, 25 plant species in 45 different use modalities were recorded, for a total of 123 records. Construction of fences, fibers, slats for houses, and woven goods appeared as the most frequent categories. The babassu palm (*Orbignya phalerata* Martius) appears as the one of more frequent use. The Palmae family stands out among the others; the stem is the most used part, with construction material as the category of more frequent use. Some uses are peculiar to some communities, and related with local people's main activity (fishery, agriculture, extractivism).

Keywords: Vegetais Species – Maranhão Lowlands.

1 INTRODUÇÃO

A região da Baixada Maranhense (01°59'-04°00'S; 44°00'-45°33'W), incorpora uma complexa interface de ecossistemas, abrigando rica fauna e flora aquática e terrestre, com um significativo número de espécies raras e grande abundância de aves litorâneas e migratórias continentais. A região é caracterizada por terras planas, de baixa fertilidade natural sendo conhecida, também, por possuir o maior conjunto de bacias lacustres do Nordeste brasileiro. A dinâmica dos campos naturais da Baixada Maranhense envolve dois ciclos de troca de energia que abrangem dois períodos diferentes, de acordo com a estação do ano. Durante o período do “inverno”, que acontece de janeiro a junho na região, os rios e os lagos perenes transbordam, inundando os campos, transformando-os em extensos lagos de pouca profundidade. No verão (julho a dezembro), os campos ficam secos, o que propicia o aparecimento da vegetação, constituída, principalmente, por gramíneas e ciperáceas (MARANHÃO, 1991).

O homem tem sido sempre parte importante desse ecossistema no manejo dos seus componentes, como as espécies vegetais. Plantas que produzem fibras têm, sem nenhuma dúvida, sido superadas em sua utilidade ao homem e em sua importância no progresso da humanidade, apenas pelas plantas alimentícias. O homem primitivo, em suas incursões para satisfazer as três grandes necessidades da vida – alimento, abrigo e vestuário – cedo se voltou para as plantas. Estas necessidades foram satisfeitas pelos resistentes e flexíveis materiais obtidos de caules, folhas e raízes de muitas plantas.

O uso de produtos vegetais aumentou grandemente e, na atualidade, elas são de

enorme importância na vida diária. Muitos desses produtos têm importância comercial, entretanto, um número muito maior corresponde às espécies nativas usadas localmente em todas as partes do mundo.

Essas matérias-primas não têm sido objeto de estudos, mas são supostamente oriundas de um número de espécies da flora maranhense, insuficientemente, conhecidas (ANJOS, 2001). Conhecer essas espécies e definir sua participação na cultura e na economia local, regional e estadual contribuirá para o delineamento de novos rumos para a sua conservação (RIZZINI; MORS, 1976); (CRUZ, 1985).

As fibras de um grande número de produtos vegetais têm um valor bem significativo na vida do homem da região da Baixada Maranhense e seu uso está presente no seu cotidiano sob várias formas, como material de construção, objetos de uso individuais, alimento etc. Embora seja uma Área de Proteção Ambiental (APA), criada por decreto estadual em 1991, que engloba uma área de 1.775.035,6 hectares, a Baixada Maranhense é pouco conhecida devido ao seu difícil acesso, tanto terrestre quanto aquático.

Tendo em vista a riqueza ambiental da região, esse estudo visou o levantamento das espécies vegetais úteis regionais, sua identificação botânica e classificação quanto ao seu uso. Procurou-se, também, avaliar as principais relações e interações do homem da região da Baixada Maranhense, em particular, do Município de Penalva, com os recursos vegetais, principalmente da sua utilização como produtos de subsistência.

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO REGIONAL COM BASE EM DADOS SECUNDÁRIOS

Foram obtidas informações gerais sobre a geografia, a história, aspectos culturais, sociais e econômicos, além dos recursos hídricos da região.

2.1.1 Área de estudo

Os pontos de amostragem e realização do estudo foram:

2.1.1.1 Município de Penalva – Povoados

- φ Ponta Grande (Lago Cajari)- Pescadores/ Agricultores; localizado à margem do Lago Cajari; comunidade típica de pescadores, com agricultura como atividade adicional (PA).
- φ São Joaquim (Rodovia)- Agricultores - à margem da estrada entre as cidades de Viana e Penalva; comunidade típica de agricultores (A).
- φ Caitetú (Lago Formoso)- Extratores/ Pescadores/ Agricultores (EPA); povoado à margem do lago Formoso, onde o extrativismo dos frutos da juçara ganhou muita importância nos últimos anos, superando a pesca e a atividade agrícola.
- φ Tarumã – margem do lago Cajari; Agricultores/Pescadores (AP).
- φ Carão - no Canal do Lago Formoso - Pescadores/Agricultores/Extratores (PAE).

2.2 ENTREVISTAS

As entrevistas realizadas foram dos tipos informal e semi-estruturado (ALEXÍADES, 1996).

2.3 LEVANTAMENTO DAS ESPÉCIES VEGETAIS

Foram levantadas as espécies vegetais de uso na subsistência regional.

As espécies vegetais levantadas foram identificadas quanto à sua identidade botânica, utilizando-se material vivo e fértil; em casos de dúvidas, imagens digitalizadas das plantas e órgãos reprodutivos foram enviadas a especialistas. Consultou-se, também, para identificação, as obras de Lorenzi (2000).

Os usos foram separados em categorias:

- φ Material de Construção (MC);
- φ Utensílio Doméstico (UT);
- φ Alimentação Humana (AH);
- φ Alimentação Animal (AA);
- φ Ítem de Trabalho (IT);
- φ Uso Social (US);
- φ Uso Cultural (UC); e
- φ Produto Comercial (PC).

Os dados obtidos foram formatados e analisados com programa estatístico JMP 3.2.6, do SAS Institute, buscando-se distribuição de frequência e relação entre as variáveis em tabelas de contingência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A: USOS

Nas cinco comunidades amostradas, 45 diferentes modalidades de usos de plantas foram registradas, para um total de 123 registros efetuados. Entre as modalidades de usos, a construção de cercas, o uso de esteios, as fibras para amarrilho, portas e cofos apareceram como mais freqüentes e disseminados nas comunidades. Esteios,

geralmente, obtidos dos caules de palmeiras são utilizados em casas de farinha, jiraus, canteiros, currais, batentes, suportes para fogões e casas em geral. As fibras para amarrilho em casas podem servir tanto para amarrar as palhas na cobertura quanto os talos (raque) são usados nas paredes para receber o barro, nas casas de taipa (Tabela 1).

Tabela 1. Usos de espécies vegetais em cinco comunidades da Baixada Maranhense – Município de Penalva

Uso	Contagem	Percentual
Abano	2	1,62%
Abrigo para canoas	2	1,62%
Amarrilho de casa	6	4,87%
Amarrilho de cerca	3	2,43%
Assoalho de candeirão	1	0,81%
Balaio	2	1,62%
Banheiro	1	0,81%
Batente de casa	4	3,25%
Cabo de vassoura	4	3,25%
Canhão de pesca	1	0,81%
Canteiro	1	0,81%
Carvão	2	1,62%
Cerca	4	3,25%
Cesta decorativa	7	5,69%
Chiqueiro	1	0,81%
Cobertura de casas	2	1,62%
Cocho	5	4,06%
Cofó	2	1,62%
Cuia	5	4,06%
Depósito de sementes	1	0,81%
Espinhel	3	2,43%
Esteio	2	1,62%
Esteira	7	5,69%
Forro de cofó	2	1,62%
Gaiola de pesca	1	0,81%
Galinheiro de pássaro	3	2,43%
Haste de sustentação de antena	4	3,25%
Janela	4	3,25%
Jirau	2	1,62%
Malhadeira de pesca	4	3,25%
Manta para sela	1	0,81%
Óleo	1	0,81%
Parede	3	2,43%
Plataforma de jirau	4	3,25%
Plataforma para limpar peixe	4	3,25%
Porta	4	3,25%
Poste elétrico	1	0,81%
Sarilho	1	0,81%
Tipiti	1	0,81%
Tipiti	5	4,06%
Trave de futebol	1	0,81%
Utensílio para retirar água	1	0,81%
Vassoura	1	0,81%
Vedação de canoas	4	3,25%
Total de Usos	123	1,62%
Modalidades de Uso	45	3,25%
	1	0,81%

B: ESPÉCIES

Entre as espécies vegetais utilizadas pelas comunidades, o babaçu aparece como a de mais freqüente utilização (46,34%); outras palmeiras como o marajá (5,69%), o tucum (4,87%) e a juçara

(4,06 %), são também bastante utilizadas. Entre as espécies não-palmáceas, o guarimã (4,87 %) é a de maior utilização, seguida pelo bambu (4,06 %) e pelo cipó escada de jabuti (3,25 %) (Tabela 2).

Tabela 2. Espécies vegetais usadas em cinco comunidades da Baixada Maranhense – Município de Penalva

Espécie	Contagem	Percentual
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lod	1	0,81%
<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	1	0,81%
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	6	4,87%
<i>Bactris brongniartii</i> Mart.	7	5,69%
<i>Bathysa meridionalis</i> Smith & Downs	1	0,81%
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	4	3,25%
<i>Bixa arborea</i> Benth.	1	0,81%
<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kunt	1	0,81%
<i>Cecropia</i> spp.	1	0,81%
<i>Crescentia cujete</i> L.	3	2,43%
<i>Dolioscarpus dentatus</i> (Aubl.) Standl.	1	0,81%
<i>Duguetia furfuracea</i> (St. Hil.)	1	0,81%
<i>Eleocharis interstincta</i> (Vahl) Roem.&Schult.	3	2,43%
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	5	4,06%
<i>Guadua</i> sp.	5	4,06%
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	1	0,81%
<i>Ischnosiphon arouma</i> (Aublet) K	6	4,87%
<i>Lagenaria siceraria</i> (Mol.) Sta	2	1,62%
<i>Mauritia flexuosa</i> L.	3	2,43%
<i>Maximiliana maripa</i> (C. Serra)	1	0,81%
Não identificada	3	2,43%
<i>O. phalerata</i> Mart./ <i>M. flexuosa</i>	1	0,81%
<i>Opuntia</i> sp.	1	0,81%
<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	57	46,3%
<i>Scoparia dulcis</i> L.	1	0,81%
<i>Sida carpinifolia</i> L.f.	3	2,43%
<i>Tabebuia</i> sp.	2	1,62%
Total	123 Modalidades de Usos entre as Espécies 25 Espécies identificadas 03 Espécies não identificadas	

C: FAMILIAS

A família *Palmae*, em termos de freqüência de uso, destaca-se entre as demais, mesmo excluindo o babaçu, espécie de maior freqüência de uso, como mostrado acima. Os percentuais

são: (64,97 %) com o babaçu; (18,67%) sem o babaçu. As famílias *Bignoniaceae*, *Leguminosae*, *Marantaceae* e *Poaceae* são também de grande utilização na Baixada (Tabela 3).

Tabela 3. Famílias vegetais representadas por espécies utilizadas em cinco comunidades da Baixada Maranhense – Município de Penalba

Famílias	Contagem	Percentual
Annonaceae	1	0,81%
Bignoniaceae	5	4,06%
Bixaceae	1	0,81%
Cactaceae	1	0,81%
Cecropiaceae	1	0,81%
Cucurbitaceae	2	1,62%
Cyperaceae	3	2,43%
Dilleniaceae	1	0,81%
Lecythidaceae	1	0,81%
Leguminosae	6	4,87%
Malvaceae	3	2,43%
Marantaceae	6	4,87%
Não identificada	3	2,43%
Palmae	81	65,8%
Poaceae	5	4,06%
Rubiaceae	1	0,81%
Scrophulariaceae	1	0,81%
Tiliaceae	1	0,81%
Total	123	
17	Famílias Identificadas	
03	Famílias não identificadas	

D: PARTE USADA

As principais partes usadas nas comunidades são: 1) caule (35,77%), sendo os da palmeira marajá (5,69%), do tucum (4,88%) e da juçara (3,25%), os mais utilizados entre as palmeiras. Também, são muito utilizados os caules de bambu (4,07%) e do cipó escada de jabuti (3,25%). Com maior frequência, os caules das palmeiras são utilizados como material de construção, principalmente como esteios e moirões para casas e ripas para cercas.

Entre as partes usadas, a folha inteira aparece como de grande utilização, quase que totalmente devido ao seu uso a partir das folhas do babaçu. Cobertura de casas e poços, confecção de cofos, abanos e outras utilidades domésticas são práticas comuns em áreas onde a palmeira babaçu ocorre. O fruto, também, tem grande utilização, principalmente como item alimentar, ao mesmo tempo em que gera renda, como produto comercial, para a indústria de óleo, por meio das amêndoas.

Os principais produtos utilizados na região, com maior frequência, caem na categoria de material de construção e utensílios domésticos, sendo oriundos, principalmente, do babaçu. Quando se procura nas análises, uma relação entre a Categoria de Uso e a Parte Usada, observa-se que, quando os usos são materiais de construção e utensílios domésticos, as partes usadas serão, mais provavelmente, o caule e a folha, com maior frequência provenientes de palmeiras, como o tucum, a juçara, o marajá e o babaçu (folha inteira) (Figura 1; Tabela 4).

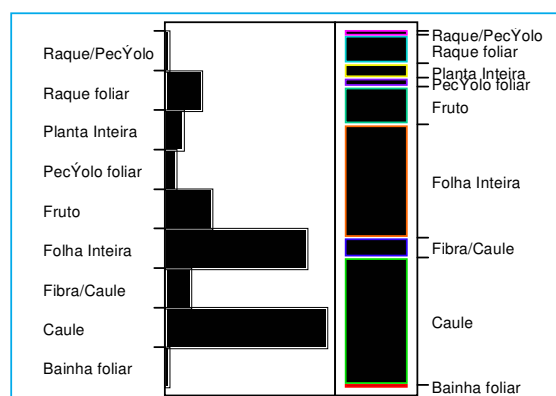


Figura 1. Parte Usada

Tabela 4. Frequências das partes de plantas usadas em cinco comunidades da Baixada Maranhense – Município de Penalva

Parte	Contagem	Percentual
Bainha foliar	1	0,81%
Caule	44	35,77%
Fibra/Caule	7	5,69%
Folha Inteira	39	31,70%
Fruto	13	10,56%
Pecíolo foliar	3	2,43%
Planta Inteira	5	4,06%
Raque foliar	10	8,13%
Raque/Pecíolo	1	0,81%
Total	123	
9 Partes Usadas de Modo Diferente		

E: CATEGORIA DE USO, LOCAL E ATIVIDADE PRINCIPAL

Entre as comunidades amostradas não houve diferença significativa em termos de intensidade de uso das espécies levantadas, em geral. As plantas, em todas as comunidades, são utilizadas, principalmente, como material de construção. Alguns usos são peculiares a algumas comunidades e estão relacionados com a atividade principal dos moradores. Caniço de pesca, feito do caule do croaçu; flutuador de espinhel, do galho do urucu brabo; plataforma para tratar peixe, do raque do babaçu; malhadeira, do bambu; estopa para vedação de canoas, da fibra do estopeiro, são exemplos de usos peculiares de plantas, notadamente, relacionados aos pescadores (Figura 2; Tabelas 5, 6 e 7).

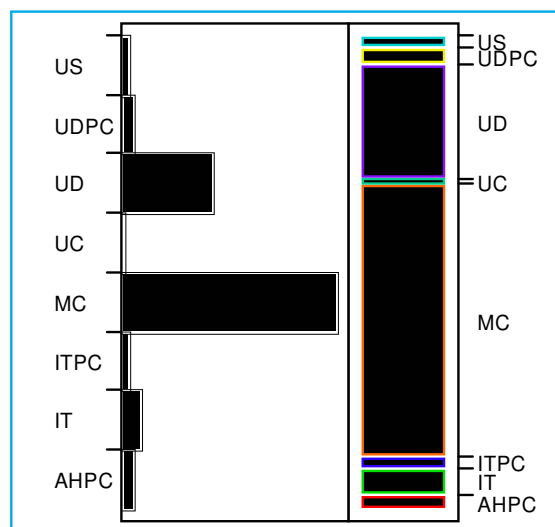


Figura 2. Categorias de Uso

Tabela 5. Freqüências de categorias de uso de plantas em cinco comunidades da Baixada Maranhense – Município de Penalva

Categoria	Contagem	Percentual
AHPC	4	3,25%
IT	7	5,69%
ITPC	3	2,43%
MC	71	57,72%
UC	1	0,81%
UD	30	24,39%
UDPC	4	3,25%
US	3	2,43%
Total	123	
8 Categorias		

Tabela 7. Atividade Principal x Categoria de Uso

Uso/Categoria	Atividade Principal					
Contagem Total %	A	AP	EPA	PA	PAE	
AHPC	1 0.81	1 0.81	0 0.00	1 0.81	1 0.81	4 3.25
IT	1 0.81	1 0.81	1 0.81	3 2.44	1 0.81	7 5.69
ITPC	0 0.00	1 0.81	1 0.81	0 0.00	1 0.81	3 2.44
MC	13 10.57	12 9.76	18 14.63	18 14.63	10 8.13	71 57.72
UC	0 0.00	0 0.00	0 0.00	0 0.00	1 0.81	1 0.81
UD	9 7.32	6 4.88	7 5.69	4 3.25	4 3.25	30 24.39
UDPC	1 0.81	1 0.81	0 0.00	1 0.81	1 0.81	4 3.25
US	0 0.00	0 0.00	1 0.81	2 1.63	0 0.00	3 2.44
Total	25 20.33	22 17.89	28 22.76	29 23.58	19 15.45	123

F: HABITAT E HABITO DE CRESCIMENTO

Maior número de plantas utilizadas pelas comunidades têm como habitat a terra firme; poucas foram as plantas aquáticas citadas como de uso pelos moradores das comunidades

amostradas. Em relação ao hábito de crescimento, a maioria das espécies são palmeiras, seguidas de ervas e árvores (Figura 3; Tabela 8).

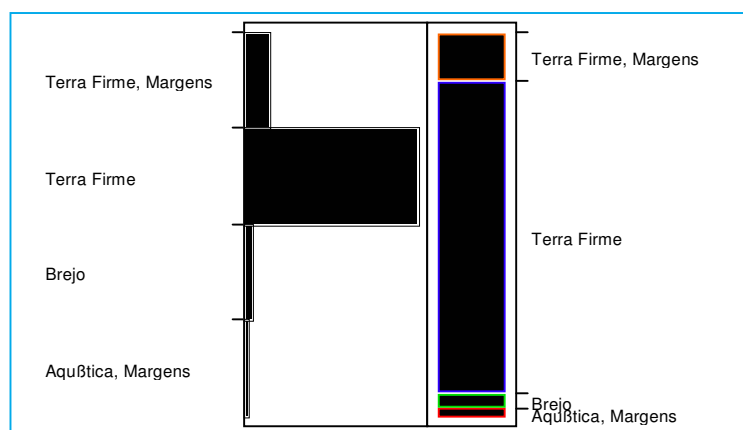


Figura 3. Habitat

Tabela 8. Frequências de espécies segundo o habitat em que ocorrem na Baixada Maranhense – Município de Penalva

Habitat	Contagem	Percentual
Aquática, Margens	3	2,43%
Brejo	5	4,06%
Terra Firme	100	81,30%
Terra Firme, Margens	15	12,19%
Total	123	
4 Habitats		

G. IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES ÚTEIS AMOSTRADAS NAS COMUNIDADES DA BAIXADA MARANHENSE – MUNICÍPIO DE PENALVA

Babaçu - *Orbignya phalerata* Mart. (Palmae) - palmeira de grande sucesso como colonizadora de grandes áreas; abundante na Baixada Maranhense, onde ocorre, exclusivamente, nas áreas de terra firme, evitando as áreas baixas, inundáveis. Espécie de relevante importância socioeconômica na forma de um número de produtos de grande utilidade, derivados dos frutos, das folhas e do caule da palmeira.

Tucum - *Astrocaryum vulgare* Mart. (Palmae) - palmeira que mede em torna de 6-15 metros de altura, vegetando em terrenos secos, arenosos; muito abundante, em certas áreas da Baixada, mas de utilização relativamente pequena: somente o caule tem uso mais freqüente.

Guarimã - *Ischnosiphon arouma* (Aublet.) Koern. (Marantaceae) – planta herbácea, de ocorrência em áreas mais úmidas; muito utilizada para a confecção de peneiras, tipitis, esteiras e cestas.

Cabaça - *Lagenaria siceraria* (Mol.) Standl. (Cucurbitaceae) - planta rasteira ou trepadeira, cujo fruto limpo e seco é utilizado como recipiente para conservar e transportar água, além de depósito de sementes para plantio.

Bambu - *Guadua* sp. (Poaceae) - mede de 9 a 16m de altura; colmos apresentam perfurações como canudos e não possui espinhos, sendo muito utilizado para cercas; espécie introduzida na região.

Buriti – *Mauritia flexuosa* L.f. (Palmae) - palmeira de grande altura, comumente chegando 30 metros; fruto amarelo e escamoso; pouca utilização na Baixada, em comparação a outras regiões do Maranhão.

Jatobá - *Hymenaea courbaril* L. (Leguminosae) - árvore grande de copa larga, flores pequenas e vermelhas; fruto vagem; tronco e ramos excretam uma goma resinosa, com cheiro que lembra o do incenso.

Pau D'Arco – *Tabebuia* spp. (Bignoniaceae) - árvore de 5 a 25 m de altura; sua madeira é preciosa pela sua resistência e durabilidade.

Estopeiro - *Cariniana legalis* (Mart.) Kuntze (Lecythidaceae) - árvore de grande altura, colunar, atinge 40 m e mais de 2 m de diâmetro; fruto capsular alongado; madeira moderadamente pesada e bastante durável; fibras do caule usadas para vedação de canoas.

Bacaba - *Oenocarpus distichus* Mart. - palmeira alta cujo estipe alcança 10 a 15 m de altura; espécie que se diferencia das outras do mesmo gênero em virtude da disposição em leque das folhas.

Mandacaru – *Opuntia* sp. (Cactaceae) - planta com caule verde revestido por espinhos; vegetal aproveitado para vários fins, como formação de cercas e na alimentação animal, devido à umidade e suculência que o caracteriza.

Marajá - *Bactris brongniartii* Mart. (Palmae) – palmeira com 5 a 9 m de altura, caule fino, mas rígido; fruto pequeno, de cor negra; das folhas pode-se extrair fibras de grande resistência; comum nas margens de rios e lagos, em áreas sazonalmente inundadas.

Urucum Brabo - *Bixa arborea* Benth. (Bixaceae) – árvore pequena, de 4 a 5 m de altura cujo fruto é uma cápsula revestida de espinhos a qual guarda em seu interior sementes de cor rubra, no caso desta espécie sem o corante que caracteriza a outra espécie cultivada (*B. orellana*), entretanto, por ter madeira muito leve, tem partes de seus ramos utilizados com flutuadores de espinhel.

Malvarisco - *Sida carpinifolia* L.f. (Scrophulariaceae) – planta daninha, perene, sub-arbustiva, 30-70 cm de altura; planta inteira utilizada como vassoura.

Vassoura - *Scoparia dulcis* L. (Malvaceae) – planta anual de base lenhosa, muito ramificada, com 30-50 cm de altura; utilizada como vassoura nas comunidades da Baixada.

Escada de jabuti – *Bauhinia glabra* Jacq. (Bignoniaceae) – cipó comum em áreas de matas; desaparece com o desmatamento; fibras do caule muito utilizadas para amarrilhos.

Embireira branca - *Apeiba tibourbou* Aubl. (Tiliaceae)

Croaçu – *Bathysa* Smith & Downs (Rubiaceae) – espécie de caule comprido, retilíneo, freqüente em áreas de sucessão secundária;

Ata brava - *Duguetia furfuracea* (St. Hil.) B.et H. (Annonaceae) – planta ereta; arbustiva; medindo entre 1 a 3 metros de altura, nativa do Brasil.

Anajá - *Maximiliana maripa* (C. Serra) Drude (Palmae) – palmeira com 6 a 8 metros de altura; o caule é usado em construções rústicas, como cochos, esteios etc.

Junco - *Eleocharis interstincta* (Vahl) Roem.&Schult. (Cyperaceae) – planta perene, aquática, que mede 30 a 50 cm de altura, utilizada para fazer mantas para selar animais.

Macaúba - *Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart. (Palmae) – mede de 10 a 15 metros de altura e tem a sua madeira empregada em construções rurais, como base pra jiraus.

Cuia - *Crescentia cujete* L. (Bignoniaceae) – árvore, cujos frutos são utilizados para retirar água.

Cipó michila - *Dolioscarpus dentatus* (Aubl.) Standl. (Dilleniaceae) – muito utilizado para amarrilhos em geral.

Juçara - *Euterpe oleracea* Mart. (Palmae) – palmeira com altura de 20 a 25 metros; com tronco múltiplo; sua madeira utilizada, localmente, para construções rústicas e o fruto muito apreciado pelas populações, em especial como vinho.

Embaúba – *Cecropia* spp. (Cecropiaceae) – mede de 4 a 7 metros de altura; madeira leve utilizada em construção de brinquedos, caixotaria leve, saltos para sapatos.

H. DESCRIÇÃO DOS USOS DAS PLANTAS NAS COMUNIDADES AMOSTRADAS NA BAIXADA MARANHENSE – MUNICÍPIO DE PENALVA

Abano- utensílio doméstico utilizado para atizar o fogo em fogões a carvão e fogareiros.

Amarrilho - (uso de cipós) procedimento de amarrar estacas e esteios de coberturas de casas, paredes, cercas etc.

Amarrilho de pandeirão - para prender o couro da parte de cima do pandeirão (instrumento de percussão freqüente em bumba-boi).

Assoalho de casa - o raque do babaçu é utilizado para fazer assoalhos de casas (tipo plataforma),

que ficam a uma certa distância do chão, às margens de lagos e rios.

Balaio - um tipo de cesto.

Peneira - para catar arroz; peneiramento da massa de mandioca e outros.

Banheiro - paredes feitas de palha de babaçu, normalmente fora da casa.

Suporte de jirau - uma espécie de pia, rústica, com base feita com estacas.

Batente da casa - caules de palmeira utilizados como calçada.

Cabo de vassoura - caule usado como tal.

Caníço - caule usado para pescaria de linha e anzol.

Canteiro - feito de palha; serve para plantar hortaliças e espécies medicinais.

Carvão - feito da casca (endocarpo) do coco babaçu; utilizado como combustível em substituição ao gás; também, comercializado, mas de baixo valor comercial.

Cerca - feita do caule de diversas plantas.

Cesta decorativa - artigo de decoração de interiores.

Chiqueiro – instalação rústica usada para prender animais principalmente porcos.

Cobertura de casa - palhas de palmeira usadas como telhado.

Cocho - instalação para colocar alimento animal.

Cofo – recipiente de palha usado para guardar produtos diversos.

Cuia – fruto da cuieira, utilizada para retirar água.

Depósito de sementes - feito com o fruto da cabaça.

Espinhel - utensílio de pesca, com vários anzóis; substituto ao caníço.

Estacas – partes de caule utilizadas em construções, para sustentação de paredes, jiraus etc.

Esteio de casa - caules usados nas armações do telhado.

Esteira – de palha, também, usada como janela, porta.

Fibra de caranã – fibras secas da bainha foliar do palmito (babaçu jovem com caule ao nível do solo), obtidas depois da extração do palmito; usada para confecção de vassouras.

Gaiola de pesca - usada para colocar o peixe fisgado, ficando dentro d'água para que o peixe permaneça vivo até chegar ao local de destino.

Gaiola de pássaro - usada para aprisionar pássaros.

Galinheiro - usado para prender galinhas.

Haste de antena - raque da folha do babaçu ou caule de outra espécie, usado como suporte para fixar antena de televisão ou de rádio.

Malhadeira - rede de pesca.

Manta - utilizada para colocar nas costas do animal, ficando por baixo da sela evitando que machuque o animal.

Material para vedação de canoas - fibra usada na fabricação de canoas, como material de vedação, para evitar que a água penetre.

Palha para empeneiramento – palha usada para forrar o cofo, onde se coloca o fruto da juçara, farinha ou outro produto.

Plataforma de limpar peixe - feita de raque do babaçu, usada para limpar peixe.

Poste elétrico – caule de árvore ou palmeira, usado como poste para rede elétrica.

Sarilho - tronco usado para prender o tipiti e espremer a mandioca.

Tipiti – utensílio feito da fibra do caule do guarimã, usado para espremer mandioca; também tem um uso cultural: pendurado no canto da casa para espantar os espíritos que assustam as crianças.

Traves de futebol - caule usado na construção de traves de futebol; uso social.

Vassoura - feita de planta pequena (planta inteira).

Óleo - extraído da amêndoa do babaçu, usado para comercialização e na culinária.

4 CONCLUSÕES

As palmeiras são, indiscutivelmente, as espécies vegetais de maior utilização nas comunidades amostradas. O babaçu responde pelo maior percentual entre as espécies palmáceas e as plantas em geral, atendendo, principalmente, a necessidade de material de construção, em particular pelo uso das suas folhas na construção das casas da região.

Entre as 25 espécies vegetais identificadas e 3 não identificadas, apenas, duas são introduzidas (o bambu e o mandacaru), sendo as demais de ocorrência natural na região.

Quanto maior a distância e a dificuldade de acesso à comunidade, maior é a utilização das espécies vegetais como fonte de matéria-prima para a confecção de uma variedade de produtos. Nas comunidades mais próximas aos centros urbanos (Penalva e Viana), há uma tendência para a substituição dos produtos vegetais por similares do mundo moderno, feitos de plástico, principalmente. Exemplo disso são as cuias, substituídas por recipientes plásticos, na tarefa doméstica para retirar água.

Observou-se que, em toda a Baixada Maranhense o caule do junco (*Eleocharis interinstincta*; Cyperaceae) tem grande utilização, sendo matéria-prima quase que exclusiva para a confecção de mantas para selas de cavalo. Estas mantas têm um valor utilitário bastante elevado, mas baixo valor

econômico; cada uma é comercializada ao preço de R\$ 1,00 - R\$ 2,00.

O fio de ouro (*Crescentia cujete* Convolvulaceae), planta parasita de ocorrência na região, começa a ter utilização interessante. Em áreas de roças, a planta é introduzida e estimulada a crescer sobre as espécies invasoras, de forma a atuar como controle das mesmas, parasitando-as e matando-as por sucção das suas reservas.

Utensílios como cofos, ainda, não foram substituídos pelos similares modernos; seu uso é muito freqüente e bastante disseminado nas comunidades regionais.

Alguns usos são nitidamente culturais; exemplo disso é o tipiti, utensílio feito da fibra do caule do guarimã (*Ischnosiphon arouma*; Marantaceae), cuja finalidade original é a de servir para espremer a massa da mandioca no preparo da farinha, também utilizado pendurado no canto de fora da casa para espantar os maus espíritos.

As crenças em encantados e assombrações, ainda, contribuem para a conservação das espécies vegetais e do meio ambiente em geral. A crença de que determinadas áreas são guardadas por entidades do além, mantém os depredadores afastados. A manutenção e a prática dessas crenças, também, está relacionada com a distância das comunidades a centros urbanos.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADES, M. N. Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. New York: The New York Botanical Garden, 1996. 306 p.
- ANJOS, R. S. Levantamento das espécies vegetais utilizadas na produção artesanal maranhense. 2001. 62 f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas), 2001.
- CRUZ, G. L. Dicionário das plantas úteis do Brasil. 3. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1985. 599 p.
- LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 3. ed. [S.l.]: Instituto Plantarum, 352 p.
- LORENZI, H. Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas. 3. ed. [S.l.]: Instituto Plantarum, 2000. 608 p.
- RIZZINI, B. E.; MORS, W. B. Botânica econômica brasileira. São Paulo: EDUSP, 1976. 207 p.
- MARANHÃO. Secretaria de Estado do Meio-Ambiente (SEMATUR). Diagnóstico dos principais problemas ambientais do Estado do Maranhão. São Luís, 1991. 193 p.